

VILLEGAS-CAYLLAHUA; Erick Alonso Villegas-Cayllahua ¹, DUTRA; Daniel Rodrigues², FERRARI; Fabio Borba ³, CAVALCANTI; Erika Nayara Freire⁴, BORBA; Hirasilva ⁵

RESUMO

Resumo: Algumas atividades na coelheira como criação, vacinação, pesagem e desmame exigem o manejo dos coelhos, o que pode ser muito estressante para eles, pois são uma espécie de presa com um temperamento nervoso. Afim de reduzir esse estresse e evitar tentativas de fuga que possam causar fraturas ou lesões nos tendões dos membros, recomenda-se um manuseio delicado. O estresse é bem conhecido como a relação entre o estímulo adverso, que altera a homeostase, e sua resposta a este estímulo. Além disso, o estresse pode produzir mudanças fisiológicas e comportamentais nos animais, sendo a flutuação da temperatura corporal superficial amplamente utilizada como indicador de estresse em coelhos, devido à sua praticidade e precisão. Portanto, o objetivo do presente experimento foi avaliar a influência dos três manejos mais recomendados para coelhos comerciais na temperatura periférica usada como indicador fisiológico de estresse. Um total de 21 coelhos machos adultos foram distribuídos em gaiolas individuais e alocados em três tratamentos, onde cada tratamento consistiu em um método de manejo diferente; Método No.1 (o coelho foi levantado com uma mão sobre os ombros e seu traseiro foi apoiado), Método No.2 (os coelhos foram colocados sob o braço do condutor) e Método No.3 (os coelhos foram carregados na caixa). A temperatura corporal superficial dos coelhos foi obtida em dois momentos (pré e pós-manuseio) utilizando termômetro infravermelho para diferentes áreas (ex: focinho, olho e orelha) e também para três pontos do pavilhão auricular interno (ponta, meio e base). Se observou que não houve interação entre os métodos e tempos de manuseio (pré e pós-manuseio) ($p > 0,05$). No entanto, a temperatura periférica foi menor após a manipulação ($p < 0,05$) em comparação com a temperatura periférica no pré-manuseio no focinho e orelha (ponta da orelha: -8,5%; orelha média: - 4,6%; base da orelha: - 3,2%; focinho: - 3,9%). Essas observações podem ser atribuídas à vasoconstrição periférica exibida sob a resposta de luta e fuga exibida por esses animais em situações que representam perigo para suas vidas. Além disso, nossos achados apontam que a área mais sensível foi a orelha, o que provavelmente remete ao fato do pavilhão auricular apresentar maior relação área / volume em comparação às outras áreas e poderia ser uma resposta preparatória do animal a um perigo com o objetivo de reduzir a perda de sangue nas partes mais expostas do corpo do coelho em caso de lesão. Em conclusão, todos os três métodos de manejo aplicados induziram o mesmo nível de estresse nesses animais, e as flutuações de temperatura na orelha em particular podem ser utilizadas como um indicador eficiente de estresse pelo manejo em coelhos comerciais.

PALAVRAS-CHAVE: Animais silvestres e de companhia, Bem-estar, Indicador de estresse, *Oryctolagus cuniculus*

¹ Doutorando em Zootecnia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus Jaboticabal (FCAV/UNESP), evillegasc22@gmail.com

² Doutorando em Zootecnia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus Jaboticabal (FCAV/UNESP), danielrdutra@hotmail.com

³ Ph.D em Zootecnia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus Jaboticabal (FCAV/UNESP), fbf_zoo@hotmail.com

⁴ Doutorando em Zootecnia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus Jaboticabal (FCAV/UNESP), erikanayara@gmail.com

⁵ Docente da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus Jaboticabal (FCAV/UNESP), hiras@fcav.unesp.br